



A mística e o historial da Cabala: Algumas considerações a partir do diálogo entre Juan Martín Velasco e Gershom Scholem.

Moacir Ribeiro da Silva

Resumo

Juan Martín Velasco em seu livro "O Fenômeno místico", traz um diálogo produtivo, via fenomenologia da mística, com Gershom Scholem sobre a mística judaica, especificamente em uma das suas tendências a Cabala profética. Na conjuntura dessa discussão Gershom Scholem entende que a mística é um fenômeno histórico, e como tal deve ser estudado historicamente justamente por ser uma etapa do desenvolvimento da religião. Por outro lado, Velasco entende que a mística possui um aspecto experiencial de "um saber sem saber", que não pode ser reduzido como uma etapa evolutiva da religião, mas, que é preciso repensar o papel da mística no interior do judaísmo. Dessa forma, o presente trabalho se propõe apresentar considerações sobre o diálogo, estabelecido no contexto deste livro.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo apresentar neste Simpósio Temático, as primeiras impressões no contexto da Filosofia da Religião voltado para um ambiente multidisciplinar, ao qual compõem este grupo de pesquisa, com estudiosos de diversas áreas onde suas pesquisas têm como foco os estudos da cultura Sefarditas. Em nosso caso, estamos buscando os elementos de contribuições e mapeamento das primeiras influências filosóficas no tempo anterior ao estabelecimento de uma tradição da mística judaica a partir do medievo e que se transforma diante das perseguições sofridas pelo povo judeu um elemento de resistência cultural.

A partir deste intuito neste primeiro momento os esforços são em buscar fazer o mapeamento bibliográfico e documentos que possam nos auxiliar nesta empreitada. Neste sentido, as primeiras incursões apresentada neste texto, versam justamente sobre as questões metodológica que irão nos servi de suporte.



1 A MÍSTICA E O HISTORIAL DA CABALA: Algumas considerações a partir do diálogo entre Juan Martín Velasco e Gershom Scholem.

Juan Martín Velasco em seu livro *O Fenômeno místico*, traz um diálogo produtivo, via fenomenologia da mística, com Gershom Scholem sobre a mística judaica, especificamente em uma das suas tendências a Cabala profética.

Na conjuntura dessa discussão Gershom Scholem entende que a mística é um fenômeno histórico, e como tal deve ser estudado historicamente justamente por ser uma etapa do desenvolvimento da religião. Por outro lado, Velasco entende que a mística possui um aspecto experiencial de "um saber sem saber", que não pode ser reduzido como uma etapa evolutiva da religião, mas que é preciso repensar o papel da mística no interior do judaísmo.

1.1 Mística o significado e a polissemia do termo

O Dicionário de Filosofia de J. Ferrater Mora (2004, p. 1976) em seu verbete sobre mística explica que a definição geral que se pode dar ao termo mística é: atividade espiritual que aspira a efetuar a união da alma com a divindade por diversos meios (ascetismos, devoção, amor, contemplação). O componente místico é primordial em qualquer religião.

Para Velasco "é impossível conhecer a verdade da religião sem passar pelo conhecimento da religião, sem a referência da mística pode saber muitas coisas sobre a religião, mas está condenado a ignorar o seu núcleo mais íntimo a verdadeira definição da religião" (VELASCO, 1999, p. 19)

Mística é um termo que vem do grego, *mystikos* significando os mistérios (*tá mystika*), está estreitamente ligado aos cultos das religiões místicas, aos iniciados destas religiões (*mystes*) ao incorporar o processo conhecido como *morte-ressureição*, deriva de (*myo*) que significa fechar a boca, como também os olhos. Intimamente ligado as realidades secretas, sua forma adverbial significa *mystikos* (secretamente) (VELASCO, 1999,p. 19)



ANAIIS ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

Outra questão importante levantado por Velasco é sobre o uso termo mística, daquilo que ele intitula como uso e abuso de um termo impreciso. Neste sentido, ele aponta para o que diversos autores percebem ao longo do tempo este termo será apropriado com sentidos diversos, obrigando sempre o pesquisador a deixar claro em suas exposições de que maneira está trabalhando este termo. Os diversos especialistas do fenômeno místico apontam como uma questão que deve ser equacionada em primeiro lugar ao se tratar de estudos referentes à "mística". Primeiro, o seu significado etimológico e o segundo a polissemia de sentido que tal termo passará a ser historicamente compreendido. Ou seja, assim como o termo religião, o termo místico sofrerá variações significativas ao longo da história da tradição e a partir da modernidade novas contornos com sua apropriação política do termo, como afirma Lima Vaz:

A utilização moderna do termo “mística” para designar convicções, comportamentos ou atitudes, cujo objetivo está circunscrito aos limites do nosso ser no mundo e envolvido por uma nuvem passional que obscurece o claro olhar da razão, deve ser interpretada como indício de uma inversão radical na ordem de nossas prioridades espirituais, que inflete para o domínio da imanência o termo último da intencionalidade constitutiva do espírito. Essa inversão tem lugar em face de um amplo espectro de atividades e dos respectivos objetos, tendo como consequência, na maior parte das vezes, ou apenas um injustificável desgaste psíquico do indivíduo, como nessas “místicas” banais que solicitam e aprisionam o homem desarvorado da nossa civilização – tal a “mística” do esporte –, ou então uma notável perda de objetividade no uso normal da razão, como nas sedutoras e ambiciosas “místicas” do progresso e do desenvolvimento. (Vaz, 2000, p. 10)

Ao longo de sua exposição Vaz mostra uma questão também levantada por Velasco quanto à polissemia e o esvaziamento semântico deste termo, principalmente na modernidade:

A utilização moderna do termo “mística” para designar convicções, comportamentos ou atitudes, cujo objetivo está circunscrito aos limites do nosso ser no mundo e envolvido por uma nuvem passional que obscurece o claro olhar da razão, deve ser interpretada como indício de uma inversão radical na ordem de nossas prioridades espirituais, que inflete para o domínio da imanência o termo último da intencionalidade constitutiva do espírito. Essa inversão tem lugar em face de um amplo espectro de atividades e dos respectivos objetos, tendo como consequência, na maior parte das vezes, ou apenas um injustificável desgaste psíquico do indivíduo, como nessas “místicas” banais que solicitam e aprisionam o homem desarvorado da nossa civilização – tal a “mística” do esporte –, ou então uma notável perda de objetividade no uso normal da razão, como nas sedutoras e ambiciosas “místicas” do progresso e do desenvolvimento. (Vaz, 2000, p. 10)



ANAI ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

Ainda na esteira desta exposição se pensado do ponto de vista do sujeito e sua significação primeira, mostra que:

Do ponto de vista do sujeito, a experiência mística tem lugar num plano transracional, ou seja, onde cessa o discurso da razão: inteligência e amor convergem na fina ponta do espírito – o *apex mentis* – numa experiência inefável do Absoluto, que arrasta consigo toda energia pulsional da alma. Vale dizer que, da parte do sujeito, a experiência mística é absolutamente singular e, como tal, não pode ser partilhada. (Vaz, 2000, p. 10)

Ainda para ampliação de nossa compreensão desse termo e quando o mesmo é estabelecido para compreensão de uma experiência do "sujeito", no que tange sua "espiritualidade", "subjetividade" e seu encontro com o Absoluto. É importante, destacarmos que o uso do termo "místico", assumirá aqui uma maior proximidade de seu sentido original partindo do pressuposto de uma analítica experiencial que os místicos medievais, quanto a matriz oriental identifica como uma experiência frutiva.

Como *experiência frutiva*, ela se exerce através de um tipo de conhecimento do seu objeto e de adesão afetivo-volitiva que transcendem o modo usual de operar das nossas faculdades superiores de conhecer e querer, e visa, em sua intencionalidade *objetiva*, o *Absoluto*, ultrapassado a contingência e relatividade dos objetos que se oferecem à nossa experiência ordinária. A imensa cadeia de testemunhos que corre ao longo das mais variadas tradições religiosas não deixa dúvidas quanto à realidade e à autenticidade dessa experiência, que se impõe, por isso mesmo, como um dado antropológico fundamental, tendo resistido vitoriosamente a todas as tentativas de reducionismo, sobretudo psicologista, e oferecendo, por outro lado, campo à conhecida interpretação do fato místico que H. Bergson propõe na sua teoria das duas fontes da moral e da religião. (Vaz, 2000, p. 16)

Na Antiguidade e na Idade Média, o homem em sua subjetividade tem uma tendência contemplativa, isto é natural pela própria forma de ver o mundo orientado religiosamente, as todas as religiosidades deste período oferece um principio explicativo da relação entre o homem e o cosmo.

Vaz no sentido da experiência mística, assim como, Velasco apontam seus estudos partindo do sentido experiencial da experiência mística como um fenômeno totalizante, no qual estão integrados todos os aspectos da complexa realidade humana. (Vaz, 2000, p.15) Neste sentido, Vaz assume um caminho metodológico baseado na Antropologia Filosófica.

Outra questão importante, é a diferenciação que Velasco apresenta no intuito de compreensão de algumas característica entre a religiosidade mística e a profética.

1.1.1 Características diferenciadoras entre as religiosidades místicas e proféticas

Juan Martín Velasco faz uma importante comparação em seu livro o Fenômeno místico, sobre as principais características diferenciadoras entre as religiosidades místicas e a profética de suma importância e auxilia significativamente quanto à compreensão do *modus vivendi* de ambas as religiosidades. Vejamos a seguinte tabela comparativa (VELASCO, 1999, p.27:

A religiosidade mística	A religiosidade profética
Nega (ou ignora) a pessoa humana no mundo e a sociedade;	Afirma a pessoa, no mundo e a historia;
Vive uma experiência ahistórica de Deus;	Mantem com Deus uma relação histórica;
Realizada abaixo a forma do êxtase;	Realizada como revelação e resposta de fé;
Afirma a Deus como unidade diferenciada;	Reconhece um Deus pessoal;
Propõe-se como ideal a fuga do mundo;	Propõe a transformação do mundo;
Tem espiritualidade monacal	Tem espírito profético;
Espiritualidade "feminina"; passiva, receptiva, contemplativa.	Espiritualidade "masculina" de caráter ativo, evangelizador;



Representa a salvação como dissolução do indivíduo no Absoluto, é individualista, acomunitária.

Ideia escatológica da salvação, mas com capacidade para transformar a pessoa e o mundo.

Para Velasco (1999, p. 26), mostra que na religiosidade mística reina a reflexão filosófica com atividade de ascese, a regulação respiração, a união no interior da alma, etc. Do mesmo modo, na profética predomina a ação sobre a reflexão, atenção a situação concreta, em definitivo, a história, percebe aqui um padrão diferente do ahistorial da religiosidade mística.

1.2 A mística e seus estudos a partir da modernidade

Na modernidade, a partir de uma tradição que gira em torno de 300 anos, Bezerra (2012, apud CERTEAU, 2010, p.51), nos mostra que alguns autores assumirão um contorno contextualista¹, principalmente na obra de autores como Michel de Certau "não se pode tratar o tema da mística sem referência a uma situação cultural e histórica.". Neste sentido, enfoca-se a necessidade independente de sua significação experiencial, mas a dimensão histórica que assume ao longo do tempo.

Quanto à questão de uma tradição mística afirma:

Também o século XVI é um bom marco teórico dado que é a partir dele que a mística passa a ser tomada como uma "forma de experiência", isto é, um "conhecimento experimental" que rompe, em grande medida, com a tradição eclesiástica. Diz Certeau: "em três séculos se formou um 'tesouro' que constitui uma 'tradição mística' e obedecendo sempre menos aos critérios eclesiásticos". Diante do grande dilema, que é definir, o que está por trás da palavra "mística", Certeau opta por limitar sua análise e a partir de uma "mudança" de perspectiva que ocorre precisamente no século XVI

¹ Faustino Teixeira em seu artigo traz um discurso sobre este aspecto em seu artigo – O desafio da mística comparada, publicado pela Ciberteologia - Revista de Teologia e Cultura – Ano II, n. 7, p. 40, onde o mesmo entende que a visão contextualista é um tipo de possibilidade analítica da mística no que tange seu aspecto historial. "Os contextualista, com razão, advertem que" a linguagem dos místicos não pode transcrever uma experiência sem interpretá-la, por mais que o místico lute contra os limites da linguagem humana, incapaz de abordar a transcendência".



ANAIIS ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

tomando como referência dois aspectos que lhes são constitutivos: *pragmático* e *metalinguístico* (BEZERRA, 2012, p. 252)

Uma mudança terminológica acontece ao se constatar uma tradição baseada em um *corpus literário*, que são as Escrituras, por outro lado, um corpus literário místico com base num tipo alegórico de interpretação das Escrituras que redundará também no que podemos chamar de corpus místico da interpretação das Escrituras, que busca trazer uma propedêutica dialética de uma experiência na literalidade da tradição. O que queremos ressaltar é a escrituração da experiência no sentido apenas didático, pois esta experiência como está acima de toda predicação, é real e as palavras assumem uma dimensão indicativa do aspecto translógico da experiência.

Entende-se que na medida em que a 'tradição mística' é historicamente e academicamente percebida e sua mudança de uma qualidade inerente a uma espiritualidade, ou seja, sua percepção muda de esfera particular e contextualiza não a experiência, mas o relato comum que se tornará um fato histórico, como pontua Bezerra ao fazer sua análise sobre o pensamento místico exposto por Michel de Certeau.

Ao se observar o fenômeno da mística de maneira tecnicista que prioriza uma tarefa de pesquisa baseado na descrição com base em ciências naturais, os estudos da mística, por conta do conteúdo experiencial, como ressalta Bezerra:

Tarefa difícil é essa demarcar o que não possui fronteiras, ou como ressalta Certeau, um *corpus sem corpo*, ou melhor, um *corpus* sem corporeidade. Onde habita a mística? Qual o seu *topos*? Essas são perguntas que retornam em cada estudo desenvolvido sobre temática. No entanto, um dos pontos diferencial na análise de Michel de Certau é o confronto entre o cristianismo e a mística mediante a perda e o ganho do corpo. Segundo o historiador, o cristianismo se estrutura a partir de uma dupla perda: do corpo de Jesus e do corpo de israel. A mística, por sua vez, compõe um cenário de corpos e por isso, talvez, seja mais importante entender os seus *movimentos* do que tentar abarcar sua totalidade. Neste sentido, a mística é *cinematográfica*. (BEZERRA, 2012, p. 253)

1.3 A concepção de mística para Scholen



Juan Martín Velasco em seu livro "O Fenômeno místico", dialoga via fenomenologia da mística, com Gershom Scholem sobre a mística judaica, especificamente em uma das suas tendências a Cabala profética. Na conjuntura dessas discussões Gershom Scholem entende que a mística é um fenômeno histórico, e como tal deve ser estudado historicamente justamente por ser uma etapa do desenvolvimento da religião.

Scholem estabelece uma concepção tripartite do desenvolvimento de uma religião.

- 1) O primeiro é o estágio mítico
- 2) A religião institucionalizada
- 3) A mística constitui a reação ao distanciamento

Scholem em seu livro "A cabala e seus simbolismo" afirmará que quanto à questão a-histórica e a experiência do místico e sua busca por uma transcendência, no prólogo do capítulo – "Autoridade religiosa e o misticismo", Scholem afirma que seus estudos estão direcionados a compreender o fenômeno místico da seguinte maneira:

Do ponto de vista histórico, a busca mística do divino, ocorre quase exclusivamente, no âmbito de uma tradição prescrita – as exceções parece restringirem-se aos tempos modernos, com sua dissolução de todos os laços tradicionais. Onde quer que semelhante tradição prevaleça, uma autoridade religiosa, estabelecida muito antes de o místico ter nascido, é reconhecida desde há muitas gerações. Fundamentada na experiência específica da comunidade, esta autoridade tem-se desenvolvido através do intercâmbio entre a comunidade e aqueles indivíduos que interpretam sua experiência fundamental em destarte, ajudaram a comunidade a expressar-se, ou seja, torna-se articulada. Existe, pois uma escala de valores recebidas da tradição; existe igualmente um grupo de doutrinas e dogmas aceitos como afirmações autênticas a respeito da experiência religiosa de uma dada comunidade. E existe ainda um corpo de ritos e costumes que se crer tradicionalmente transmitir os valores e expressar o animo e ritmo da vida religiosa. (SHOLEM,1965, p. 6)

1.4 Algumas considerações a partir de Velasco



ANAI ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

Velasco entende que a mística possui um aspecto experiencial de "um saber sem saber", que não pode ser reduzido como uma etapa evolutiva da religião, mas, que é preciso repensar o papel da mística no interior do judaísmo. Neste sentido, há uma crítica quanto à teoria tripartite de Gerson Scholem da religião.

concepção ideológica ou muito estreita do que é o místico pode negar o status de uma experiência mística Patriarcas, de Moisés, nos Profetas, Job; que se originou muitos dos Salmos e, talvez, que produziu a canção de Músicas. Na verdade, muitas das experiências de alguns dos grandes místicos judeus, especialmente aqueles agrupados em fluxos identificados pelo mesmo Scholem como profética, o hassidismo alemão medieval, Abraham Abulafia ou o mesmo hassidismo moderno, eles contêm muitos ecos das experiências que estão abaixo as páginas da Bíblia. E o mesmo se aplica aos Jos cristãos místicos, de Gregarious Nisa a Juan de la Cruz, Eles não encontraram nenhuma melhor maneira de descrever e discutir as suas experiências para se referir a Moisés e sua ascensão ao monte santo, Elias, um Jeremiah ajob e os Salmos. (VELASCO, 1999, p. 189)

Para o pensamento de Velasco em suas considerações sobre a teoria tripartite da religião de Gershon Scholem, a relação entre o aspecto de historicidade da mística judaica estando intimamente atrelada apenas a consequência histórica do desenvolvimento da religião apontando ser apenas um desdobramento ou fase da religião judaica expõe alguns problemas que implicara em um reducionismo e não contemplará adequadamente o rio da experiência segundo ele:

Assim, E. Schweid distingue duas formas de experiência de Deus: característica profética do judaísmo em cada momento da sua história, que é o reconhecimento de Deus na Terra e no ao longo da vida; ele se torna consciente de Deus revelada em seus mandamentos, seu governo na história, a sua palavra; e que se expressa na espiritualidade do temor de Deus e na celebração da à liturgia. Confrontado com esta experiência profética de Deus, designada como experiência mística que tem o seu centro na epifania de Deus, caracterizado como uma experiência através da qual Deus revela a sua natureza ou essência humana substancial, fornecendo certos poderes mágicos. Esta experiência terá lugar exclusivamente na forma de êxtase, essa pessoa traz para a vida ordinária, e culminou com a identificação do homem com o divino. Naturalmente, entendida nesses termos a experiência mística, não necessariamente qualificá-lo difícil excluir o pagão e história judaica ou menosprezar a sua importância na identificação espiritualidade judia. (VELASCO, 1999, p. 27)

No livro, *O que é Judaísmo* da editora *Brasiliense* contém uma citação de Sholem que gostaríamos de reproduzir e coaduna com nossa temática: "o misticismo judaico, não menos que seu correspondente grego ou cristão. apresenta-se como uma totalidade de fenômeno históricos concretos" (CORDEIRO, 1998, p. 42)



ANAI ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

Seria impossível fazer qualquer comentário sobre a mística judaica sem salientar o papel de *Zohar*, ou o *Livro do Esplendor*. Escrito basicamente em aramaico e parcialmente em hebraico, é um conjunto de glosas bíblicas, homilias e ditos místicos, redigido em sua essência por Moisés Shem Tov de Leon (falecido em 1305), conforme indicam análises de Abraham Zacuto e Jehuda Arié de Modena. Segundo Sérouya, toda doutrina cabalística está no *Zohar*, que para muitos místicos judeus tem o mesmo peso da *Bíblia* ou do *Talmud*. (CORDEIRO,1998, p. 47)

Para os Sefarditas, o *Zohar* tem um papel importante em seus ensinamentos, como ressalta Sholem, em sua relação tripartite, principalmente em seu terceiro estágio. As lutas do povo judeus encontra em sua tradição, ou seja na historicidade de sua religiosidade este encontro experiencial via a tradição e o *Zohar*.

O presente trabalho teve como objetivo mostrar algumas discussões teóricas no contexto dos estudos da mística, a preocupação do uso do termo mística e o seu caráter polissêmico que ao longo do tempo passou por esvaziamento semântico. Os estudos dos elementos historial e ahistorial que auxiliam a composição das análises teórica da experiência, seja do historiador, como também, do filósofo. Os elementos apresentados servirão para o desenvolvimento de pesquisas que elementos de contribuições e mapeamento das primeiras influências filosóficas no tempo anterior ao estabelecimento de uma tradição da mística judaica a partir do medievo, ou seja, a possível influência neoplatônicas, como pode perceber em alguns filósofos judeus.

2 REFERÊNCIA

BEZERRA, Cícero Cunha. Michel de Certeau e Teresa de Ávila: em torno da literalidade da



ANAI ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

experiência mística. Revista Mirabilia. 2012. Disponível em:
>http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2012_01_13.pdf

CORDEIRO, Hélio Daniel. O que é Judaísmo. São Paulo: Brasilense, 1998.

FERRATER MORA, José. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Loyola, 2004.(Tomo III)

SCHOLEM, Gershon. On the Kabbalah And Its Symbolism. Schocken Books, New York, 1965.

VAZ, Henrique C. de Lima. Experiência mística e filosofia no ocidente. São Paulo:Loyola, 2000.

VELASCO, J. M. El fenómeno místico. Madrid: Trotta.1999.